

Prosa *Poeteiro* Verso
Iba Mendes

Literatura



Euclides da Cunha
Fragmentos e pequenos textos



Iba Mendes
www.poeteiro.com

Euclides da Cunha

Fragmentos e pequenos textos

Publicado originalmente em 1902.

**Euclides Rodrigues da Cunha
(1866 — 1909)**

“Projeto Livro Livre”

Livro 143



Poeteiro Editor Digital
São Paulo - 2014
www.poeteiro.com



Projeto Livro Livre

O “Projeto Livro Livre” é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, de forma livre e gratuita, de obras literárias já em domínio público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital.

No Brasil, segundo a Lei nº 9.610, no seu artigo 41, os direitos patrimoniais do autor perduram por setenta anos contados de 1º de janeiro do ano subsequente ao de seu falecimento. O mesmo se observa em Portugal. Segundo o Código dos Direitos de Autor e dos Direitos Conexos, em seu capítulo IV e artigo 31º, o direito de autor caduca, na falta de disposição especial, 70 anos após a morte do criador intelectual, mesmo que a obra só tenha sido publicada ou divulgada postumamente.

O nosso Projeto, que tem por único e exclusivo objetivo colaborar em prol da divulgação do bom conhecimento na Internet, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por alguma razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza que nos informe, a fim de que seja devidamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso aos bens culturais. Assim esperamos!

Até lá, daremos nossa pequena contribuição para o desenvolvimento da educação e da cultura, mediante o compartilhamento livre e gratuito de obras sob domínio público, como esta, do escritor brasileiro Euclides da Cunha: *“Fragmentos e pequenos textos”*.

É isso!

Iba Mendes
iba@ibamendes.com

BIOGRAFIA

Euclides da Cunha (E. Rodrigues Pimenta da C.), engenheiro, jornalista, professor, ensaísta, historiador, sociólogo e poeta, nasceu em Cantagalo, RJ, em 20 de janeiro de 1866, e faleceu no Rio de Janeiro em 15 de agosto de 1909.

Era filho de Manuel Rodrigues Pimenta da Cunha e de Eudóxia Moreira da Cunha. Manuel Rodrigues era baiano, pertencia à geração romântica de Castro Alves e fazia versos de inspiração humanitária e social. Órfão de mãe aos três anos de idade, Euclides fez os primeiros estudos em São Fidélis. Depois de freqüentar vários estabelecimentos, concluiu o curso de humanidades no Colégio Aquino, tendo sido ali discípulo de Benjamin Constant. Com outros companheiros, fundou o jornal O Democrata, onde publicou as composições líricas das Ondas, o curioso caderno de 84 poesias, onde já se expressam as amarguras e os arroubos do seu gênio nascente.

Em 1884, matriculou-se na Escola Politécnica. Dois anos depois assentou praça na Escola Militar, às vésperas de 89. Os trabalhos da Revista da Família Militar bem revelam as inspirações daquela mocidade republicana. Em 1888, ocorreu o episódio de insubordinação que ficou famoso, no qual Euclides da Cunha lançou aos pés do ministro da Guerra, conselheiro Tomás Coelho, a sua espada de cadete. Submetido a Conselho de Guerra, foi, por seu ato de indisciplina, desligado do Exército. Mudou-se para São Paulo e iniciou, a convite de Júlio Mesquita, uma série de artigos.

Regressou ao Rio, onde assistiu à proclamação da República. Seus antigos colegas da Escola Militar, todos republicanos como ele, por iniciativa de Cândido de Rondon, foram a Benjamin Constant e solicitaram a reintegração de Euclides da Cunha no Exército. É de 19 de novembro de 1889 o ato de sua promoção a alferes-aluno. Em 1890, concluiu o curso da Escola Superior de Guerra como primeiro-tenente. Foi trabalhar na Estrada de Ferro Central do Brasil em São Paulo e Caçapava. Na revolta de 1893, foi um dos partidários veementes da legalidade. Eventos posteriores e a circunstância de ser genro do general Sólón, preso por Floriano Peixoto, tornaram Euclides da Cunha suspeito. Em 1896, deixou o Exército e voltou à engenharia civil, sendo nomeado engenheiro ajudante da Superintendência de Obras do Estado de São Paulo.

Quando irrompeu o movimento de Canudos, São Paulo colaborou com o país na repressão do conflito, mandando para o teatro da luta o Batalhão Paulista. Euclides foi encarregado pelo jornal Estado de S. Paulo para acompanhar como observador de guerra o movimento rebelde chefiado por Antônio Conselheiro no arraial de Canudos, em pleno sertão baiano. Estava ele no teatro de operações de 1º a 5 de outubro de 1897 e ali assistiu aos últimos dias da luta do

Exército com os fanáticos de Antonio Conselheiro. Em Salvador, havia procedido a um profundo estudo prévio da situação no que respeita aos aspectos geográfico, botânico e zoológico da região, bem como aos antecedentes sociológicos do conflito. Documentou-se de modo exaustivo e exato, formando sobre o caso um juízo imparcial e objetivo. Enviou então para o jornal as suas reportagens, que iriam transformar-se no seu grande livro, *Os sertões*. Em 1898, fixou-se em São José do Rio Pardo, onde redigiu o livro, incentivado pelo seu grande amigo, Francisco Escobar. São José do Rio Pardo conserva até hoje a memória de Euclides da Cunha.

Trabalhando como engenheiro e como escritor, Euclides da Cunha realizou dois trabalhos ao mesmo tempo: quando acabou a construção de sua ponte, acabou também a composição de *Os Sertões* livro que foi escrito num barracão de madeira, hoje conservado como uma relíquia. Tentou inutilmente publicá-lo no Estado de S. Paulo. Afinal, trazendo uma carta de Garcia Redondo para Lúcio de Mendonça, foi ao Rio de Janeiro tratar da publicação dos *Sertões*. O livro saiu em 1902 e obteve êxito sem precedentes em nossa literatura, consagrado pela crítica como obra-prima. No ano seguinte, Euclides era eleito para o Instituto Histórico e para a Academia Brasileira de Letras.

Em 1904, Oliveira Lima apresentou Euclides da Cunha ao barão do Rio Branco, que o nomeia chefe da Comissão Brasileira no Alto Purus, para demarcação de fronteiras. Em Manaus era hóspede do seu velho amigo Alberto Rangel. Seguindo para o local a que se destinava, atingiu com a Comissão Mista a foz do Pucani, as últimas vertentes do Purus, realizando assim um dos atos de bandeirismo mais destemidos que se conhecem. Regressando a Manaus, redigiu o “Relatório” da Comissão. Em 1907, passou a trabalhar no Itamarati. São dessa fase os livros *Peru versus Bolívia* e *Contrastes e confrontos*, cujas páginas também resultaram de artigos anteriormente escritos para o Estado de S. Paulo. Em 1908, inscreveu-se num concurso de Lógica, no Pedro II. Foi nomeado professor após ter-se submetido à banca examinadora formada por Raja Gabaglia, Paulo de Frontin e Paula Lopes. Como professor, deu apenas 19 aulas, de 21 de julho a 13 de agosto. Na manhã de 15 de agosto de 1909, na Estação de Piedade, Estrada Real de Santa Cruz, caía, ferido por uma bala de revólver, aquele que se tornou, por uma tácita eleição da alma nacional, o gênio por excelência representativo da terra, da gente e das mais elevadas aspirações brasileiras.

A publicação de *Os sertões* é um marco na vida mental do Brasil. Livro único, sem igual em outras literaturas, misturando o ensaio, a história, as ciências naturais, a epopéia, o lirismo, o drama, mostra a definitiva conquista da consciência de brasilidade pela vida intelectual do país. A importância literária e científica dessa obra, reconhecida, logo de início, pela crítica autorizada de José Veríssimo e Araripe Júnior, e confirmada pelas sucessivas apreciações

posteriores, explica o segundo plano em que ficaram as demais obras de Euclides da Cunha. Mas, em Peru versus Bolívia, Contrastes e confrontos e À margem da história também se encontram páginas literárias em que ficaram impressas as marcas inconfundíveis do seu estilo, a objetividade das conclusões, oriundas sempre da observação direta da realidade enfocada e de análises percucientes e honestas, expostas com a coragem de um escritor participante, que só tinha compromissos com a verdade.

Academia Brasileira de Letras

EM VIAGEM

(*Folhetim*)

(Primeiro trabalho de Euclides da Cunha, publicado em *O Democrata*, 4 abr. 1884)

Meus colegas:

Escrevo-os às pressas, desordenadamente...

Guiam-me a pena as impressões fugitivas das multicores e variegadas telas de uma natureza esplêndida que o *tramway* me deixa presenciar de relance quase.

É majestoso o que nos rodeia - no seio dos espaços palpita coruscante o grande motor da vida; envolta na clâmide cintilante do dia, a natureza ergue-se brilhante e sonora numa expansão sublime de canções, auroras e perfumes... A primavera cinge, no seio azul da mata, um colar de flores e o sol oblíquo, cálido, num beijo ígneo, acende na fronte granítica das cordilheiras uma auréola de lampejos... por toda a parte a vida...; contudo uma idéia triste nubla-me este quadro grandioso - lançando para a frente o olhar, avisto ali, curva sinistra, entre o claro azul da floresta, a linha da locomotiva, como uma ruga fatal na fronte da natureza...

Uma ruga, sim!... Ah! Tachem-me muito embora de antiprogressista e anticivilizador; mas clamarei sempre e sempre: - o progresso envelhece a natureza, cada linha do trem de ferro é uma ruga e longe não vem o tempo em que ela, sem seiva, minada, morrerá! E a humanidade, não será dos céus que há de partir o grande "Basta" (botem *b* grande) que ponha fim a essa comédia lacrimosa a que chamam vida; mas sim de Londres; não finar-se-á o mundo ao rolar a última lágrima e sim ao queimar-se o último pedaço de carvão de pedra...

Tudo isto me revolta, me revolta vendo a cidade dominar a floresta, a sarjeta dominar a flor!

Mas... eis-me enredado em digressões inúteis... Basta de "filosofias"!...

O meu cargo de correspondente (?) ordena-me que escreva, de modo a fazer rir (!)... ter espírito!... Ter espírito! eis o meu impossível: trago *in mente* (deixem passar o latim) o ser mais desenxabido que uma missa (perdoai-me, ó padres!)

DOIS FRAGMENTOS

De um caderno íntimo, de Lorena, 1902

(Publicado na *Revista do Grêmio Euclides da Cunha*, Rio de Janeiro, 15 ago. 1918)

...Escrevi-o [*Os Sertões*] em quartos de hora, nos intervalos da minha engenharia fatigante e obscura. E se atendermos que a esta circunstância de ordem objetiva se prende, mais sério, o fato que se pode dizer na impenetrabilidade do espírito, maior que a da matéria, pois mais facilmente se concebe a coexistência de dois corpos num mesmo espaço que a de dois pensamentos no mesmo cérebro - compreenderemos, de pronto, todos os defeitos [todas as lacunas, todos os deslizos que o inquinam]. Não os nego. Fui o primeiro a surpreender-me ante a recepção fidalga que obtive e para logo a atribuí menos ao valor próprio daquelas páginas que a reconhecimento por parte dos que tão bem as acolheram da grande sinceridade com que foram escritas.

Escrevi este livro para o futuro. Levado, por um conjunto de circunstâncias a que não pude forrar-me, a assistir a um doloroso drama da nossa história e escrevendo-o depois com a mesma serenidade estóica de Tucídides ao traçar a *História da Guerra do Peloponeso*, - "sem dar crédito às primeiras testemunhas que encontrei nem às minhas impressões pessoais, mas narrando apenas os acontecimentos de que fui espectador ou sobre os quais tive informações seguras" - quando o publiquei; depois, tive o pensamento capital de o subordinar à contraprova violentos protestos contra as falsidades ou acusações injustas que encerrasse. Atirei-o, por isso, seriamente à publicidade. Não lhe dei nem prefácio, nem paraninfo, que o apresentasse à minha terra. Quis aparecer só, absolutamente isolado na grande fraqueza do meu nome obscuro diante dos que compartilharam aquela luta. E apareci só.

Não apareceram porém os protestos. Não podiam aparecer: desafiariam imprudentemente a réplica inflexível dos fatos. Não deviam aparecer: afrontariam inutilmente as energias triunfantes da verdade.

Hoje me rodeia a grande força moral da opinião pública do meu país que não solicitei. E eu volto tranquilamente à minha tenda modesta de trabalhador abraçando a minha engenharia fatigante.

Devia vir de militar a contradita mais bem acentuada ao livro que fui obrigado a escrever sobre a lastimável campanha de Canudos. A crítica exercitada pelo elemento civil teve em toda a linha um traço de benevolência inegável. Impressionada, pela sinceridade com que tracei aquelas páginas, ampliou no aquilatar o mérito delas aquele único; e se alguns entre os que melhor a representam, como o Sr. José Veríssimo, apontaram vários dos muitos senões que as enquinam, fizeram-no de relance, em poucas palavras constrangidas em

períodos, onde o que resulta evidente é a mais franca e nobilitadora simpatia. O fato é explicável. Tanto que folheie aquele livro, o leitor a breve trecho perde a frieza indispensável a um critério analítico relevando sem-número de deslizes de forma e mesmo da sequência lógica das idéias. Compreende estar diante de um cronista rude mas veraz; empolgado pela visão assombradora do grande assassinato coletivo, segue inteiramente absorvido no contemplar as suas várias peripécias deixando-se dominar pelas impressões de momento sem curar da unidade lógica e da unidade estética do trabalho, relegadas a segundo plano pelo domínio exclusivo de uma impressão pessoal profundamente dramática.

E porque a natureza do assunto estabelece entre ele e o narrador uma harmonia perfeita de pensar e sentir, um contágio permanente de emoções idênticas, é natural que a sua atividade cerebral por um fenômeno vulgar da psicologia, ao fim de algum tempo, vibre nessa intensidade de sentimentos que cria a admiração.

A admiração pelo livro.

Indiferença pelo autor.

Daí as palavras animadoras de Machado de Assis. Daí a feição especial do juízo do Sr. Medeiros e Albuquerque, para não citar outros, feita de extratos, como se os pontos capitais da narrativa falassem por si mesmos desprezando todos os comentários. E se alguns como Coelho Neto, fora deste rumo abreviaram as vistas acomodando-as à individualidade do escritor, a estes, reduz-lhes muito o valor dos mais favoráveis conceitos a estima pessoal altamente perturbadora.

HERÓIS DE ONTEM

(Publicado pela primeira vez na *Revista da Família Acadêmica*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 1, pp. 227-229, 13 mar. 1888)

Afastemo-nos um instante da harmonia festiva que circunda os vencedores do presente e concentremo-nos, recordando os nomes dos combatentes do passado.

Nunca se nos impôs tanto esta necessidade; na transição que sofre a nossa pátria rapidamente nivelada a toda a deslumbrante grandeza do século atual, pela realização de sua reforma liberal; nesse instante supremo de nossa história, em que se inicia a unificação de todos os direitos, a harmonia de todas as esperanças e a convergência de todas as atividades; hoje, que os nossos ideais são, de fato, os verdadeiros e os únicos materiais para a prodigiosa construção da civilização da pátria - nós, os operários do futuro, e que devemos em breve - atirar na ação toda a fortaleza de nossa vitalidade - todos os brilhos

de nosso espírito - todas as energias de nosso caráter, não devemos olvidar os heróis de ontem, de cujas almas partiu o movimento inicial desta deslumbrante ascensão, dessa soberana elevação moral...

Olvidá-los, mais do que uma ingratidão, seria um erro, seria desconhecer que os grandes ideais dessas fronteiras olímpicas disseminam-se por todos os corações, difundem-se em todos os cérebros, e levados pela tradição, presos nos elos inquebráveis da solidariedade humana, revivem, continuamente crescentes - no seio das sociedades.

A luz - a grande luz imaculada e sublime que circunda a data mais gloriosa de nossa história e traça - irradiando para o futuro - o itinerário da nossa nacionalidade, não defluiu da mentalidade dos brilhantes patriotas do presente; veio de longe, cintilou no seio de muitas gerações e as fronteiras dos pensadores de hoje foram apenas as lentes ideais que a refrataram - aumentada - sobre a sociedade.

E isso - somente isso - explica o ter sido tão calma, uma transformação tão radical e que tão profundamente alterou o nosso organismo social; em geral - a história o diz - esses grandes males cedem somente aos cáusticos tremendos da revolução, desaparecem somente quando afogados pela brutalidade - algumas vezes benéfica - das paixões indomáveis do povo e mui recentemente ainda, na América do Norte, para poder aniquilá-los, o brilho do pensamento de Lincoln aliou-se à cintilação da espada de Ulisses Grant...

Entre nós porém - não deu-se uma revolução - operou-se uma evolução.

Não houve um abalo - porque respeitou-se uma lei.

Particularizam-se alguns termos na fórmula geral do progresso, por isto esta reconstrução não necessitou de uma destruição anterior e por sobre toda esta enorme transformação paira, deslumbrante, retilínea e firme a lógica inabalável da história.

E de tudo isto nos são credores os grandes filhos da pátria - animados hoje da existência imortal da história, e por isso é bem natural que remontando-nos ao passado, procuremos nas inscrições dos seus túmulos imaculados - a senha do futuro!

Recordemo-nos pois das almas soberanas aonde se germinou essa generosa idéia da liberdade, que após elevar todas as fronteiras, imergiu em nossa civilização - tendo como último ponto de apoio a sua força desmesurada - um coração de princesa!...

José Bonifácio, Eusébio de Queirós, Paranhos - sintetizam admiravelmente todos os pensadores que melhor emprestaram-lhe energia e brilho; Ferreira de

Meneses, Tavares Bastos e Luís Gama - definem perfeitamente os grandes corações, bastante grandes para conterem as dores cruciantes de muitas gerações e pátrias; Gonçalves Dias, Castro Alves e Varella - foram os brilhantes educadores de nossos corações que se engrandeceram dilatados pelos calor ideal emanado dos brilhos de suas estrofes imortais...

Ante esses nomes a idéia que fazemos da consciência nacional, justifica um silêncio - profundamente eloquente.

No dia de hoje eles deviam ser lembrados, não tanto por um impulso de gratidão mas pelo grande ensinamento que disto nos advém - por isto é que os recordamos - afastando-nos - por um instante - da alegria ruidosa e festiva que no dia de hoje aclama - a regeneração da pátria.

NOTAS DE LEITURA SOBRE *ELOQUENCE ET IMPROVISATION*, DE E. PAIGNON.

(Revista do Grêmio Euclides da Cunha, n. 26)

Pudessem todos ler este livro... O espírito após atravessar estas páginas como se transfigura - sentimos dentro de nós uma nova força, latente e invencível - a única capaz de fielmente transmitir as energias da nossa alma.

Vemos quanto é forte esta alavanca - a palavra - que alevanta sociedades inteiras, derriba tiranias seculares...

É curioso ver-se tombar, ruir por terra - o velho castelo de granito do Feudalismo - não batido pelas picaretas de ferro, não chocado pela polêmica formidável das catapultas antigas - mas ao embate do verso iluminado de Mirabeau!...

É mais interessante ainda o ver-se uma frase tão simples "Deus o quer!..." alevantar cem povos; lançar uma de encontro a outra, num duelo horrível, duas religiões enormes, encher de devastação a Ásia e de horror a Europa, burilar o símbolo da cruz aos copos de todas as espadas - dar às arestas das cruzes o gume das espadas - e fazer convergir para o túmulo de um filósofo ilustre toda a vitalidade das sociedades medievais!...

Eu tenho fanatismo tão insensato pela palavra, pela tribuna que, faça embora o que fizer de melhor para a sociedade, terei cumprido mal o meu destino se não

tiver ocasião de, pelo menos uma vez, erguer a minha palavra sobre a fronte de qualquer infeliz, abandonado de todos; e aí impávido, altivo, audaz e insolente arriscar em prol de sua vida obscura todas as energias de meu cérebro, todos os meus ideais - a minha ilusão mais pura, o meu futuro e a vida minha!...

Rio, 6 de agosto de 1888.

VALOR DE UM SÍMBOLO

(Oblata do Instituto Geográfico da Bahia, Bahia, 19 nov. 1915, em homenagem a Euclides da Cunha e comemoração do Dia da Bandeira)

Relato, como exemplo, este incidente expressivo:

Há dois anos, num entardecer de julho, eu chegava, com os restos de uma comissão exploradora, à foz do Cavaljani, último esgalho do Purus, distante 3.200 quilômetros da confluência deste último no Amazonas; e tão perdido naquelas solidões empantanadas que nenhuma carta o revelava.

Éramos nove apenas: eu, um auxiliar dedicadíssimo, o Dr. Arnaldo da Cunha, um sargento, um soldado e cinco representantes de todas as cores reunidos, ao acaso em Manaus.

E ali chegáramos absolutamente sucumbidos. A nossa comissão dispersara-se, coagida pelas circunstâncias: naufragáramos em caminho; e os salvados da catástrofe mal bastariam àquele reduzido grupo de temerários. De sorte que ao atingirmos aquela estância remota já nos íamos, há dias, num terrível quarto de ração, de restos de carne-seca e restos de farinha que eram o nosso desespero e a nossa única salvação, sem nenhum outro gênero atenuando-nos a dieta inaturável.

Para maior desdita os empecilhos à marcha cresciam com o avançamento; maiores à medida que diminuía os recursos. O rio, cada vez mais raso, quase estagnado nos *estirões* areientes, ou acachoando em corredeiras intermináveis, requeria trabalhos crescentes e verdadeiros sacrifícios.

Já não se navegava: as duas pesadas canoas de itaúba iam num arrastamento a pulso, como se fossem por terra; e os remos, ou os varejões transformavam-se em alavancas, numerosíssimas vezes, para a travessia dos trechos mais difíceis. Ao descer das noites, os homens, que labutavam todo o dia, metidos n'água, sem um trago de aguardente, ou de café, que lhes mitigasse aquele regímen bruto, acampavam soturnamente. Mal se armavam as barracas. Na antemanhã

seguinte, cambaleantes e trôpegos - porque as areias do rio navalhando-lhes a epiderme punham-lhes os pés em chagas - retravavam, desesperadamente, a luta da subida do rio que não se acabava mais, tão extenso, tão monótono, tão sempre mesmo, na invariabilidade de suas margens, que tínhamos a ilusão de nos andarmos numa viagem circular; abarracávamos; descampávamos; e ao fim de dez horas de castigo parecíamos voltar à mesma praia, de onde partíramos, numa penitência interminável e rude...

Contrastando com esta desventura, a comissão peruana, que acompanhávamos, estava íntegra, bem abastecida, robusta. Não sofrera o transe de um naufrágio, eram vinte e três homens válidos, dirigidos por um chefe de excepcional valor.

Assim todas as noites, naquelas praias longínquas, havia este contraste: de um lado, um abarracamento minúsculo e mudo, todo afogado na treva; de outro, afastado apenas cinquenta metros, um acampamento iluminado e ruidoso, onde ressoavam os cantos dos desempenados cholos loretanos.

A separação entre os dois era completa. As relações quase nulas: a altaneira castelhana, herdada pelos nossos galhardos vizinhos, surpreendia-se ante uma outra, mais heróica, do exíguo acampamento miserando, altivamente retraído na sua penúria e tenebroso em ultimar a sua empresa, como a efetuou, sem dever o mínimo, ou mais justificável auxílio, ao estrangeiro que se lhe associara.

Mas ao chegar naquela tarde à foz do Cavaljani, considerei a empresa perdida. Palavras soltas, de irreprimível desânimo, e até apóstrofes mal contidas, de desesperados, fizeram-me compreender que ao outro dia só haveria um movimento, o da volta vertiginosa, rolando pelos estirões e cachoeiras que tanto nos custaram vencer, acabando-se os nossos esforços numa fuga.

Os meus bravos companheiros rendiam-se aos reveses. Atravessei, em claro, a noite.

Na manhã seguinte procurei-os na tentativa impossível de os convencer de mais um sacrifício.

Acocoravam-se à roda de uma fogueira meio extinta; e receberam-me sem se levantarem, com a imunidade de seu próprio infortúnio.

Dois tiritavam de febre.

Falei-lhes. A honra, o dever, a pátria e outras magníficas palavras ressoaram longamente, monotonamente.

Inúteis. Permaneceram impassíveis.

Quedei-me, inerte, em uma tristeza exasperada.

E como a aumentá-la, notei, dali mesmo, voltando-me para a direita, que os peruanos se apresentavam à partida.

Desarmavam-se as barracas; reconduziam-se para as ubás ligeiras os fardos retirados na véspera. Em pouco, os remos e as *tanganas* compridas, alteados pelos remeiros, fisgavam vivamente os ares...

E atravessando pelos grupos agitados, um sargento - passo grave e solene, como se estivesse em uma praça pública, à frente de uma formatura - cortou perpendicularmente a praia, em rumo à canoa do chefe, tendo ao braço direito, perfilada, a bandeira peruana, que deveria içar-se à popa da embarcação.

De fato, em chegando, hasteou-a. Passava um sudoeste rijo. O belo pavilhão vermelho e branco desenrolou-se logo, todo estirado, rufando...

E acudiu-me a idéia de apontar aquele contraste aos companheiros abatidos. Mas ao voltar-me não os reconheci. Todos de pé. A simples imagem do estandarte estrangeiro, erguido triunfal, como a desafiá-los, galvanizara-os. Num lance, sem uma ordem, precipitaram-se os aprestos da partida. Em segundo, a nossa bandeira, que jazia, enrolada, em terra, aprumou-se por seu turno em uma das canoas, patenteando-nos aos olhos.

As promessas divinas da esperança!

E partimos, retravando, desesperadamente, o duelo formidável com o deserto...

SUCEDEU EM CURANJA

(Excerto de relatório não oficial)

1905

(*Revista do Grêmio Euclides da Cunha*, t. 2, n. 12, "A minha pátria é retilínea e alta como as palmeiras", Rio de Janeiro, 15 ago. 1940)

Foi o que sucedeu em Curanja a 3 de julho.

Ofereceram-nos um banquete (ao chefe peruano e a mim), as principais pessoas do lugar. Aceitei-o com prazer: estava ainda na ilusão de uma simpatia que desapareceria em breve. Dirigi-me ao local (uma casa comercial de C. Sharf, entregue à direção do seu guarda-livros, o alemão Alf. Shultz) - e fui para logo surpreendido com a profusão de bandeiras peruanas em pleno contraste com a ausência da nossa - sendo, entretanto, fácil aos promotores da festa adquirirem-na no próprio acampamento.

Notando este fato, pensei em retirar-me e aguardava a primeira oportunidade para o fazer, sem alarde ou escândalo, quando observei, entre as ramagens que decoravam as paredes de paxiúba da sala do festim, algumas folhas de palmeira cujas faces internas de um amarelo muito intenso contrastavam no verde do resto da folhagem. Era uma solução a atitude contrafeita que me impusera..., e espetaculoso patriotismo daquela gente. Realmente, pouco depois de sentados à mesa, tomei de golpe a palavra, sem aguardar o momento oportuno para os brindes, e numa rápida saudação agradei o convite que se me fizera - e isto por dois motivos essenciais:

Primeiro - como americano - sentindo-me feliz com todas as manifestações de cordialidade entre homens oriundos de raças quase irmãs, talvez destinados a íntimas alianças no futuro para reagirem ao imperialismo crescente das grandes nacionalidades; em segundo lugar - como brasileiro - profundamente comovido diante da "inteligente gentileza" e requintada galanteria com que se tinha posto naquela sala a bandeira de nossa terra. (O espanto dos convivas foi absoluto!) Esclareci-o então dizendo-lhes que uma extraordinária nobreza de sentir fizera que eles ao invés de irem procurar no seio mercenário de uma fábrica a bandeira de meu país tinham-na buscado no seio majestoso das matas, tomando-a exatamente da árvore que entre todas simboliza as idéias superiores da retidão e da altura. E terminei: "Porque, Srs. peruanos, a minha terra é retilínea e alta como as palmeiras..."

Não poderei dizer... o efeito dessas palavras, nem o constrangimento com que o chefe peruano e outros cumprimentaram-me declarando "que eu havia compreendido muito bem o pensamento deles..."

CARTA-PREFÁCIO

(Ao livro de Osório Duque Estrada *O Norte*: impressões de viagem. Porto: Chardron, 1909)

Rio de Janeiro, 24 de julho de 1908.

O nosso espírito é como a matéria, impenetrável.

Creio até que mais facilmente coincidirão dois corpos no mesmo espaço do que duas idéias, ou duas preocupações, no mesmo cérebro. A prova tenho-a agora na impossibilidade invencível, em que me vejo, para alinhar o preâmbulo, que prometi, destinado às primeiras páginas do teu belo livro.

Certo, para isto não me falta tempo. Eu o encontraria somando os meus quartos de hora vadios; mas em que pese à maior boa-vontade, e à sugestão maravilhosa do assunto, jamais eu conseguiria desenlear-me das linhas

geográficas, que me manietam, para poder acompanhar-te, aforradamente, nessa peregrinação romântica em que contorneaste um largo trato do nosso litoral vastíssimo, e um pouco da nossa alma nacional, primitiva e rude. Além disto, eu planeei, embora numa síntese imperfeita, caracterizar o contraste até certo ponto providencial entre os dois aspectos preponderantes do espírito brasileiro - a refletir-se no binário constituído, de um lado, pela inteligência do Sul, mais bem aparelhada de um conceito orgânico da realidade; e de outro, pela fantasia poderosa dos nortistas, de onde lhes advém, essencialmente, o gênio poético incomparável. E ao explanar semelhante assunto, conjugando duas forças tão ao parecer discordes, mas de extraordinários efeitos em nosso desenvolvimento histórico, não exigiria apenas muitas páginas, senão também um estado mental que absolutamente não lograrei possuir, enquanto perdurar este período agudo do dever profissional inviolável e premente. Há, na verdade, um abismo entre as tábuas de logaritmos, ou os cálculos massudos das coordenadas astronômicas, e as rimas encantadoras dos nossos patrícios sertanejos; e até materialmente, as vistas abreviadas na contemplação dos traços quase apagados dos velhos mapas, cegam-se, ofuscadas, diante dos esplendores daquela natureza deslumbrante. Daí esse renunciar a uma tarefa que me seria altamente honrosa.

Consola-me, porém, uma esperança: ficarei entre os que receberão o teu livro; e nessa ocasião vingar-se-á do cartógrafo descaroável e seco, o modesto escritor e

Teu velho amigo e admirador

Euclides da Cunha

PROVA ESCRITA DO DR. EUCLIDES DA CUNHA

PONTO Nº 3

A VERDADE E O ERRO

Sabe-se como os lógicos tradicionalistas, que ainda existem, obedientes à influência aristotélica, ligeiramente modificada pela elaboração mais perturbadora do que fecunda de HAMILTON e de MANSEL, caracterizam o domínio da lógica que para eles é a única lógica, a Lógica Formal. Dizem: é a ciência das leis formais do pensamento. Quer dizer a lógica no analisar os conceitos repartindo-os nos seus atributos essenciais, no organizar os juízos ligando os conceitos e no desdobrar os juízos na tríade silogística ou nos longos encadeamentos dedutivos — digo encadeamentos do raciocínio dedutivo em todas estas operações se desliga da realidade. Nada tem com a gênese desses elementos que são os seus elementos dominantes. Aceita-os formados e não

inquire se são verdadeiros. O seu objetivo único é saber se eles são legítimos, rigorosamente submetidos aos princípios universais da identidade, da contradição e da exclusão do meio. Dado o conceito, o juízo e o raciocínio, a missão do lógico não é saber se o primeiro se constituiu não obediente a uma consulta lúcida das coisas, se o segundo traduz um conhecimento real ou científico, se o terceiro é o molde infrangível da verdade. A sua missão é mui outra: é saber se o conceito que lhe apresentam, e que ele não viu nascer, encerra ou não encerra alguma contradição intrínseca, em uma palavra, se é legítimo: se o juízo é analítico ou sintético, já exprimindo apenas o desdobramento de uma noção nos atributos que lhe são inerentes, já refletindo uma conquista real do pensamento sobre o mundo: e feita a distinção, o lógico tradicionalista considera "legítimo" o primeiro e francamente ilegítimo o segundo. Porque é somente mercê do mecanismo simplicíssimo em que os primeiros se desarticulam, segundo os critérios inversos da extensão e da compreensão dos termos, que ele poderá desdobrar as cadeias silogísticas adstritas a uma condição única, primordial e necessária, a condição de serem "consequentes" não importe que as premissas sejam flagrantemente erradas: a conclusão será legítima desde que se não violem as regras atinentes exclusivamente à forma, e não à matéria do conhecimento. Não precisamos exemplificar, o que seria fácil. É evidente que nesse remontar exageradamente a realidade a Lógica Formal só se vincula à verdade por intermédio de laços muito frágeis, ou através de uma influência de todo em todo negativa — limitando-se, por exemplo, a negar a possibilidade de realizar-se ou de traduzir uma existência inegável aos conceitos ou juízos contraditórios. Foi à luz desse critério que LEIBNIZ, mau grado a sua profunda religiosidade, negou a possibilidade de Deus e que ZENON negou a possibilidade do movimento engendrando há dois mil anos um sofisma indestrutível ante o qual embalde se debateram os espíritos privilegiados de ARISTÓTELES, DESCARTES e D'ALEMBERT.

Mas reduzindo-se, deste modo, a ser "a ciência do possível", a lógica formal ladeia, visivelmente o problema da Verdade. Em um lance único ela aparentemente o encerra — na teoria geral da demonstração, definida, em uma concisão admirável, por ARISTÓTELES, como sendo o silogismo do necessário. Quer dizer: aos princípios universais e ao princípio máximo do de *omni et de nullo* e regras que se derivam dele, o lógico tradicionalista aceita pela primeira vez a condição da realidade. Mas ainda nesse descer do céu à terra, tomando pé entre os fatos, observa-se que *même en marchant elle a des ailes*. Realmente, na demonstração matemática que ele especialmente considera, a conclusão dos raciocínios é necessária, e traduz, ao parecer a verdade, porque as premissas atêm à condição de traduzirem princípios verdadeiros. Mas considerando-se que essa demonstração só pode progredir mercê da energia latente dos axiomas e dos elementos claros fornecidos pelas definições matemáticas, não é difícil mostrar, de relance — por não desviarmo-nos do assunto principal — que

ainda neste lance o desdobramento silogístico a que se poderia submeter toda a matemática desde a geometria à mecânica — estabelece no seu próprio rigorismo o compromisso de um abandono mais ou menos dilatado da realidade.

De fato, embora não admitamos — por incompreensão ou fragilidade do pensar — que os juízos matemáticos tenham um caráter de necessidade inelutável pela circunstância de serem "juízos sintéticos a priori", consoante a denominação de KANT, inexplicavelmente partilhada por matemáticos destes dias, da estatura de POINCARÉ e outros — e esteemo-nos de preferência na opinião dos que demarcam à matemática uma gênese experimental, caracterizada por verdades indutivas, quase espontâneas e intuitivas, e por isso mesmo totalmente despercebidas em uma vasta sistematização dedutiva: não podemos deixar de reconhecer que o matemático se subordina por momentos à realidade, sob a condição de abandoná-la logo depois. Todo o rigorismo lógico de suas conclusões advém-lhe do fato de ter sido ele o próprio construtor dos elementos com que lida. As suas noções ou definições, desde a de número até às figuras mais complicadas, surgem de leis que ele estabeleceu e com os elementos que escolhe. Talha-os na realidade viva, certo mas, submetendo-as a uma lei de geração superior a essa mesma realidade. Não precisamos exemplificar. Basta-nos mostrar que enquanto todas as definições desde as mais simples definições de palavras às mais seguras definições das coisas, se acham perenemente abertas, em um perpétuo devenir, sujeitas a modificações permanentes, constantemente provisórias e refletindo continuamente nas suas transfigurações o dinamismo indestrutível do pensamento humano e a sua evolução contínua — as definições matemáticas permanecem imutáveis. Para citar dois exemplos únicos: a água que para ARISTÓTELES era um dos quatro elementos básicos com que ele imaginava constituir toda a natureza do mesmo modo que com as categorias supôs integrar todas as noções, não tem a mesma definição para os químicos de hoje, e não terá o mesmo significado para os de amanhã, dado o descobrimento crescente das propriedades que o definem. Ao passo que a linha reta ou o círculo têm hoje o mesmo significado de há dois mil anos. Assim as verdades matemáticas permanecem imóveis no fluxo contínuo da existência universal. Em toda a parte todas as noções se alteram porque a verdade é móvel; é, como a vida, um fato complexo "que continua" de sorte que as noções se transmudam, evoluindo, à medida que se vão desvendando novas propriedades. Ao passo que na matemática, sabem-no todos, são as novas propriedades que a pouco e pouco se desvendam e surgem de noções ou definições — absolutamente fechadas e estáveis.

Neste contraste está em grande parte o contraste das ciências dedutivas e indutivas. Mas apontamo-lo apenas para mostrar os dois aspectos únicos sob que nos apresenta a verdade: de um lado as verdades abstratas, as únicas através das quais a Lógica Formal se prende por momentos à realidade; de

outro a verdade real, nascente da própria realidade. As primeiras são fixas, indestrutíveis; mas são uma ilusão. O lógico e o matemático, formando-as, articulando-as e desenvolvendo-as, constroem no rigorismo complexo do vocábulo um mundo ideal, uma espécie de mundo assintótico à natureza real. A passagem, quase sempre penosíssima e as mais das vezes impossível, do abstrato para o concreto, do resultado das fórmulas analíticas para as exigências da prática é iniludível atestado de uma separação que pode ir gradualmente subindo das simples operações geométricas ao largo desenvolvimento da Análise transcendente. As segundas são necessariamente relativas, contingentes, variáveis, mas nessa relatividade, nessa mesma contingência, nessa variabilidade incessante traduzem ao mesmo passo o ajustamento e a harmonia obrigatória do pensamento e das coisas, e a própria evolução da inteligência em função dos novos aspectos da existência.

Assim a verdade definida como um pensamento adequado perfeitamente às coisas, não podemos encontrá-la na Lógica Formal, e a própria matemática que é uma promoção da silogística, ou a sua "irmã brilhante e gigantesca" no dizer de BAIN, a própria matemática, somente no-la revela através de um complicado simbolismo. Uma e outra, a primeira mais que a segunda, só nos permitem a legitimidade das consequências.

A verdade é do domínio da Lógica indutiva. Só podemos alcançá-la por meio da observação, já interior, da consciência, já exterior, dos sentidos, assistida dos métodos experimentais e completada pela generalização das experiências que as leis naturais resumem. Daí se lhe deriva um caráter essencial, a relatividade. E no desconhecimento maior ou menor dessa relatividade essencial está em grande parte a explicação dos conflitos filosóficos que tão profundamente têm perturbado a consciência humana. Lamentamos a escassez de tempo que nos impede de explorá-los. Veríamos que entre o "realismo ingênuo" dos primeiro dogmáticos e o subjetivismo excessivo de BERKELEY ou de FUCHTE, entre os que acreditam que as coisas se nos mostram como verdadeiramente existem e os que negam a própria essência das coisas — há uma série contínua de teorias ou fantasias filosóficas cuja simples citação demandaria largo tempo. Mas veríamos que a preocupação da Verdade principia, não já no se considerarem as mais simples relações entre as coisas, senão nos próprios resultados da nossa percepção imediata dos seus elementos mais simples. Neste ponto, porém, chegamos a uma das fronteiras ainda não bem demarcadas entre a Lógica e a Psicologia, onde se têm travado e retravado os maiores conflitos entre os sistemas. Somos forçados a deixá-la. Observemos, entretanto, que a própria inibibilidade de tantos esforços na pesquisa de um "critério da verdade" (o que durante todo o tempo foi o característico das mais profundas cogitações dos pensadores), delata impressionadoramente o flagrante desvio de método dos que fascinados por uma Verdade ideal, completamente acima da condição humana, mantiveram-se illogicamente no meio dos vagos princípios

apriorísticos, abandonando inteiramente a única estrada para consegui-la; a sólida estrada indutiva francamente aberta às inteligências ativas e conquistadoras. Assim (vamos a correr pelos pontos determinantes da questão), DESCARTES no estabelecer a "dúvida sistemática", que tão eficazmente reagiu sobre o pensamento, e estatuinto que só se deve admitir "como verdadeiras as noções que se nos apresentam tão claramente e distintamente", que não dêem lugar à menor vacilação, firmou como critério supremo da Verdade a evidência; a evidência que por sua vez se constituiu fundamento da Certeza, uma aliança tão íntima, tão inseridas as três, que dificilmente se distinguem destacadas. HOBBS, porém, pedindo-lhe logo depois um Critério para a evidência, demonstrou com uma ironia profunda, o desvio do filósofo que um exagero dedutivo (só ultrapassado depois por SPINOZA) chegara ao absurdo de proclamar como substância única a extensão, dando — consequentemente e paradoxalmente — uma realidade objetiva completa às figuras geométricas.

Pelo menos SPINOZA na pesquisa da verdade foi mais lógico. Estabelecido o seu princípio fundamental (e não discutiremos, alongando-nos) e dele tirando dedutivamente a consequência de que as coisas nos rodeiam que se impregnam de nossos pensamentos não admitem mais distinções entre a verdade e a evidência, entre a verdade e a realidade. E negou abertamente a existência do erro — caracterizando-o apenas como uma verdade incompleta.

Neste ponto interrompo a exposição por estar terminado o prazo da prova — digo por estar terminado o prazo.

Rio de Janeiro, 17 de maio de 1909.

O LIVRO DIGITAL – ADVERTÊNCIA



O Livro Digital é – certamente - uma das maiores revoluções no âmbito editorial em todos os tempos. Hoje qualquer pessoa pode editar sua própria obra e disponibilizá-la livremente na Internet, sem aquela imperiosa necessidade de editoras.

Graças às novas tecnologias, o livro impresso em papel pode ser escaneado e compartilhado nos mais variados formatos digitais (PDF, TXT, RTF, entre outros). Todavia, trata-se de um processo demorado, principalmente no âmbito da realização pessoal, implicando ainda em falhas após o processo de digitalização, por exemplo, erros e distorções na parte ortográfica da obra, o que pode tornar ininteligíveis palavras e até frases inteiras.

Embora todos os livros do “Projeto Livro Livre” sejam criteriosamente revisados, ainda assim é possível que alguns desses erros passem despercebidos. Desta forma, se o distinto leitor puder contribuir para o esclarecimento de algumas dessas incorreções, por gentileza entrar em contato conosco, no e-mail: *iba@ibamendes.com*

Sugestões também serão muito bem-vindas!

Iba Mendes
São Paulo, 2014